



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ**

**EDILENE TERESINHA MACCARI  
FABIANE CRISTINA GIOMBELLI**

**O PAPEL DA LINGUAGEM PLÁSTICA COMO EXPRESSÃO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**



**CHAPECÓ  
2016**

**EDILENE TERESINHA MACCARI  
FABIANE CRISTINA GIOMBELLI**

**O PAPEL DA LINGUAGEM PLÁSTICA COMO EXPRESSÃO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

**Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado ao curso de Pedagogia da  
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Me. Lisaura Maria Beltrame.**

**CHAPECÓ  
2016**

**EDILENE TERESINHA MACCARI  
FABIANE CRISTINA GIOMBELLI**

**O PAPEL DA LINGUAGEM PLÁSTICA COMO EXPRESSÃO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

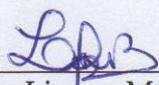
Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao curso de Pedagogia da  
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

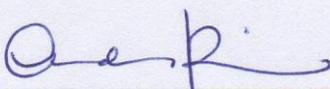
Defendido em banca examinadora em 28/06/2016

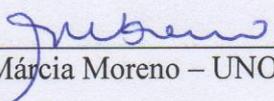
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Me. Lisaura Maria Beltrame.

Aprovado em: 28 / 06 / 2016

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup>. Me. Lisaura Maria Beltrame – UFFS

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Andréa Simões Rivero – UFFS

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Márcia Moreno – UNOCHAPECÓ

Chapecó/SC, junho de 2016.

# O PAPEL DA LINGUAGEM PLÁSTICA COMO EXPRESSÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Edilene Teresinha Maccari\*

Fabiane Cristina Giombelli\*\*

Lisaura Maria Beltrame\*\*\*

## RESUMO

A presente pesquisa se insere no campo de estudo sobre a temática do papel da linguagem plástica como expressão no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, a partir de uma situação problema ocorrida durante o Estágio Supervisionado de Educação Infantil realizado em uma turma de maternal. Neste sentido, nossos objetivos são: analisar a importância da linguagem plástica como processo de expressão infantil e suas contribuições no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança; estudar a importância do acesso às diferentes linguagens no processo de aprender e desenvolver da criança; identificar o papel do professor no incentivo da expressão da criança e, por fim, analisar a cena vivenciada na prática do estágio da educação infantil que evidenciou a expressão da criança a partir da linguagem plástica relacionando prática à teoria estudada. A pesquisa é qualitativa, realizada por meio de um recorte na lógica pesquisa-ação e bibliográfica, dentre os quais se destacam como principais autores: Gomes (2001), Rego (2011), Silva (2012) e outros, bem como à luz da abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus seguidores. Constatamos teoricamente que a expressão da criança promovida por meio da linguagem plástica é uma forma desta se comunicar com o mundo. A linguagem é o processo que o homem utiliza para comunicar suas ideias e sentimentos, seja por meio da fala, da escrita ou de outros signos. Adentro, a linguagem plástica é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois está relacionada com os desafios, a imaginação e a criatividade. A cena que estimulou esse estudo nos faz refletir sobre a ênfase que é dada às expressões das crianças nos momentos de curiosidade, descobertas, experimentações, ficando visível o sentimento de tristeza da criança ao ser “podada”. Portanto, refletimos o quanto a expressão da criança deve ser respeitada pelo professor, o qual deve valorizar e compreender a produção da criança, sem reduzi-la ao senso comum da beleza estética com imagens estereotipadas. Desse modo, a linguagem plástica deve ser vivenciada desde que a criança se insere no processo educativo, pois contribui para seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Criança. Expressão. Linguagem plástica. Professor.

---

\* Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó. edilenemaccari@hotmail.com

\*\* Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó. fabi\_giombelli@hotmail.com

\*\*\* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM; Docente pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Membro voluntário da Associação Regional Oeste Catarinense – OMEP – BR – SC. Pesquisadora na área de educação infantil, infância, ludicidade (jogo, brinquedo e brincadeiras). Coordenadora da Ludoteca da UFFS. lisaura@unochapeco.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem plástica engloba as manifestações artísticas expressivas do sujeito. Para as crianças principalmente, a linguagem plástica possibilita uma forma de comunicação não verbal, pois sugere o expressar-se utilizando a imaginação e a criatividade por meio de desenhos, pinturas, recortes, colagens, modelagens, entre outras atividades que fazem parte do seu universo, caracterizando-se como elemento importante e necessário para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Esse tipo de linguagem está associado à comunicação de ideias, sentimentos, sensações e desejos. Compreendendo uma mistura dos prazeres, com desejos e sentimentos. Para tanto, é fundamental no ambiente educativo, que o professor insira em seu planejamento atividades que busquem desenvolver e valorizar a linguagem plástica da criança. Além disso, é necessário que esta seja estimulada a criar seus próprios conceitos, superando dificuldades e obstáculos, para assumir com autoria suas produções e não reproduzir meramente imagens estereotipadas.

Partindo desses pressupostos, o presente estudo expõe uma reflexão sobre a temática do papel da linguagem plástica como expressão no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, a partir de uma situação problema ocorrida durante o Estágio Supervisionado de Educação Infantil realizado em uma turma de Maternal, na qual ao termos proposto uma atividade com manuseio de tinta, uma criança chamou a atenção por preferir realizar a atividade com as mãos ao invés do pincel, sendo repreendida pela professora titular.

Tendo em vista tal cena, realizamos uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de um recorte na lógica pesquisa-ação e bibliográfica, à luz principalmente da abordagem histórico-cultural de Vygotsky, a qual prevê que o desenvolvimento do sujeito se dá por meio das interações sociais com o outro. Há ainda o fomento de demais autores que corroboram teoricamente essa mesma perspectiva. Assim, o professor como mediador deveria adotar outro posicionamento, que favorecesse a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, por meio das diferentes linguagens, e neste contexto, incentivando a linguagem plástica.

Como Junqueira Filho (2005) expõe, é preciso que o professor dê atenção as linguagens geradoras que surgem, pois essas estão ligadas com os desejos e interesses das crianças, sendo significativas na vida delas. Cabe ao professor ter um olhar atento às diversas linguagens que são evidenciadas.

Mediante tais fatos, buscamos analisar a importância da linguagem plástica como processo de expressão infantil e suas contribuições no processo de aprendizagem e

desenvolvimento da criança; estudar a importância do acesso as diferentes linguagens no processo de aprender e desenvolver da criança; identificar o papel do professor no incentivo à expressão da criança e analisar a cena vivenciada na prática do estágio da educação infantil, que evidenciou a expressão da criança a partir da linguagem plástica indo ao encontro à teoria estudada.

Nosso trabalho é desenvolvido em dois grandes momentos, o primeiro traz as questões teóricas que o fundamenta e o segundo, a vivência do estágio na educação infantil por meio de cenas. Inicia no primeiro momento a expressão da criança como uma forma de comunicação, passando pela contextualização da linguagem dentro da perspectiva histórico cultural e o conceito de linguagem plástica, sua importância e contribuições. Na sequência, descrevemos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento infantil: a importância da expressão da criança neste contexto; com ênfase no professor como mediador da vivência da expressão infantil. No segundo momento, reservamos à análise da cena vivenciada no estágio, da qual, culminou neste estudo. Tendo ainda, a compreensão da expressão da criança por meio da linguagem plástica e por fim, as considerações finais.

Vale ressaltar que o tema desta pesquisa é inspirado em uma cena do estágio e na reflexão da história “O menino e a árvore”, da qual, destaca a expressão infantil, a imaginação e quanto o professor como mediador é importante para o desenvolvimento e expressão da criança.

## **2 EXPRESSÃO DA CRIANÇA**

A linguagem está ligada ao ato de expressar-se, pois é a expressão do pensamento. Entretanto, a expressão, também pode ser considerada uma linguagem, já que essa comunica pensamentos, desejos, vontades e sentimentos. A expressão como linguagem, utiliza, em sua maioria, de gestos para demonstrar seus interesses.

Desde que nasce, a criança já interage com o meio em que vive, desenvolvendo várias maneiras de comunicar-se, e para isso, faz uso de diferentes estratégias para inserir, compreender e agir sobre esse meio. Yolanda (2000) traz o grito, o balbucio, o choro, o sorriso e o sugar da criança, como suas primeiras maneiras de expressão, as quais serão ampliadas, pelo desenvolvimento natural da percepção, revelando outras expressões. Desse modo, a partir dessas expressões, a criança comunica-se com o mundo em que está inserida, tendo com o passar dos anos essa comunicação desenvolvida por meio de suas vivências e aprendizagens.

A autora conclui que, o engatinhar, o pegar, o rir, o sentir prazer e desprazer, beijar, andar, entre outros, sinalizam as mudanças de expressão. As crianças a partir disso, logo acrescentam o escrever (rabiscar) a terra com gravetos ou com o dedo, riscar em paredes, fazer construções na areia, colocar e retirar objetos. Em algum momento o que antes era rabisco, começam a ganhar curvas, e brevemente os círculos serão fechados, iniciando assim, a aquisição da escrita. Desse modo, a criança antes de adquirir a linguagem oral ou escrita, tem sua linguagem manifestada por meio das diferentes expressões, o que contribui para o desenvolvimento e aquisição de tal linguagem.

Gomes (2001) argumenta que desde que nascem as crianças aprendem. Os trabalhos artísticos são fundamentais para que as crianças pequenas recebam estímulos que desenvolvam os sentidos e também a sua intelectualidade. Segundo a autora, esses trabalhos são essenciais para que as crianças sejam capazes de explorar o mundo que os cerca. São vários os materiais existentes que podem ser utilizados como recursos de expressão, que nos ajudam a criar e a expressar um pouco daquilo que somos no mundo.

Como a autora salienta, manipular livremente instrumentos é a primeira etapa da criança na inserção com os recursos disponibilizados para sua expressão. Ela tem habilidades de mexer com substâncias e experimentar nas diferentes superfícies, lambuzando, riscando ou até mesmo, imprimindo suas marcas. Por meio da mediação de um adulto, a criança pode levar sua ação para o papel.

Como menciona Perez (2000), a criança usa do desenho como uma forma de se expressar, contando por meio desse, uma história, pois enquanto desenha, narra seu pensamento a cada traço realizado. Desse modo, o desenho da criança é uma maneira dela expressar o seu pensamento naquele momento, sendo importante valorizá-lo. Stabile (1988) reforça essa ideia ao dizer que o produto artístico da criança deve ser valorizado não pela sua beleza e conteúdo, mas pela naturalidade e espontaneidade contida em sua expressão.

Silva (2012) argumenta que o corpo das crianças quando ainda pequenas em movimento, são produtoras de conteúdos/linguagens, ou seja, expressões corporais que se dão no decorrer do processo de desenvolvimento infantil. Salientamos que, as crianças ao realizarem pinturas em seus próprios corpos, além de sentirem prazer, podem fazer descobertas em relação ao seu corpo, podendo ter sensibilidades e sentir as manifestações que o corpo proporciona.

As crianças ao utilizarem de variadas linguagens para expressar-se, constroem a si mesmas e a cultura que fazem parte. Estas manifestações geradas pela expressão da criança são ricas em informações que possibilitam os professores a conhecerem melhor a criança. É

nesse sentido que as diferentes formas de expressão das crianças precisam ser estimuladas e exploradas, criando espaços para que, tais manifestações possam ser demonstradas.

Para Gobbi (2010), estamos acostumados a pensar na linguagem, relacionando-a imediatamente com a fala, não a relacionando ao movimento, ao desenho, a pintura, ao gesto, a expressão, as brincadeiras, e até mesmo ao choro. Na maioria das vezes a palavra “linguagem” é associada apenas a linguagem verbal e escrita, o que gera certa inibição a curiosidade de estar conhecendo outras manifestações expressivas que compõe o ser humano.

As crianças possuem desejos e são altamente capazes de expressar-se utilizando diferentes linguagens. No entanto, alguns ambientes educativos não reconhecem suas expressões como um direito, fazendo com que elas encontrem uma resistência quanto a suas manifestações expressivas.

Em nosso estudo, temos a linguagem plástica como forma de expressão. Essa está relacionada com o prazer da criança. A criança em suas múltiplas e específicas linguagens, as quais são instrumentos de formação e desenvolvimento humano, intelectual, cognitivo e afetivo, tem a expressão e a comunicação como objetivo principal.

Toda a criança tem necessidade de se expressar e por muitas vezes por estarem com a linguagem infantil ainda em formação e a escrita ainda não dominada – essas para as crianças mais pequenas – as atividades plásticas acabam sendo a forma mais fácil para a comunicação da sua atividade mental.

O que atrai as crianças nas aulas que envolvem a linguagem plástica é a oportunidade de manifestar-se a partir do seu mundo interior. O ato de expressar-se da criança está relacionado ao pensamento e sentimentos que são expressos por meio de desenhos, pinturas, esculturas, recortes e colagens, ou seja, pela linguagem plástica da qual defendemos.

## 2.1 A LINGUAGEM

A linguagem sempre esteve presente em toda a história da humanidade, da qual é, uma referência de comunicação interacional entre os indivíduos. É o processo que o homem utiliza para comunicar suas ideias e sentimentos, seja por meio da fala, da escrita ou de outros signos. Devemos mencionar que são múltiplas as linguagens existentes, podendo se classificar em linguagens verbais (oral e escrita) e linguagens não verbais (signos visuais e sensoriais).

Segundo Cereja e Magalhães (2004, p. 230), “A linguagem é todo sistema formado por símbolos que permite a comunicação entre os indivíduos”. A unidade da linguagem verbal é a palavra, podendo ser a oral ou escrita, já as linguagens não verbais, possuem variadas

unidades, como os símbolos, os movimentos, as imagens, o desenho, o corpo, o gesto, a nota musical, entre outros.

O surgimento da linguagem está relacionado com a necessidade de os seres humanos se comunicarem entre si, e essa, tornou-se uma necessidade indispensável. Rousseau (2011) pontua que a linguagem humana evoluiu gradualmente, a partir da necessidade do homem expressar os sentimentos. Para esse filósofo, a primeira linguagem do homem deu-se com o “grito da natureza”, da qual, era usada apenas para pedir socorro diante dos perigos ou como alívio de dor.

Quando as ideias dos homens começaram a se estender e a se multiplicar, estabelecendo-se uma comunicação mais íntima, eles buscaram sinais mais numerosos e uma linguagem mais ampla. Multiplicaram as inflexões da voz, juntando a elas os gestos que, por sua natureza, são mais expressivos e cujo sentido depende menos de uma determinação anterior (ROUSSEAU, 2011, p. 63).

Assim, para Rousseau (2011), a linguagem iniciou quando as ideias passaram a multiplicar-se, exigindo que códigos e signos fossem estabelecidos para a expressão e comunicação das ideias e pensamentos.

É na relação com o outro, por meio das interações sociais que a criança instrumentaliza a sua linguagem. Segundo Vygotsky (2007) a história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento de duas linhas: uma de origem biológica e outra de origem sócio-cultural. A de origem biológica refere-se às características biologicamente definidas para todos os seres humanos. Entretanto, as de origem sócio-cultural que mais nos interessam, refere-se aos aspectos apreendidos e fixados no comportamento humano durante os processos de trocas mediatizadas com os outros. Essas trocas, de acordo com a teoria histórico-cultural, se dão basicamente através da linguagem. É a partir dessa interação que a criança constitui a função simbólica, podendo representar mentalmente por meio de símbolos, o que ela vivencia no seu real.

Ainda para esse autor, a linguagem como um instrumento mediador, pode ser visto como um símbolo de socialização do sujeito com o mundo, a partir das múltiplas linguagens. Na fase inicial do desenvolvimento cognitivo da criança ela internaliza os momentos vividos, do qual, é um processo de aprendizagem no dia a dia por imitação e repetição das experiências dos adultos. Com a acumulação dessas ações, o sujeito aprimora e adere significados. Ou seja, é a partir da linguagem que o ser humano torna-se social, histórico e cultural.

Vygotsky (2008) postula que a linguagem estabelece o desenvolvimento do

pensamento, isto é, por meio dos instrumentos linguísticos do pensamento e vivências socioculturais adquiridos pela criança tal desenvolvimento é possível. Para que a criança tenha o crescimento intelectual, é necessário o domínio dos meios sociais do pensamento, ou seja, a linguagem.

No entanto, a linguagem não deve ser conceituada apenas como um ato de comunicar-se, primeiramente ela é a interação entre o sujeito e o objeto. Ela propicia que o indivíduo desempenhe ações sobre o outro, sobre si e até mesmo, sobre o mundo. É uma maneira de expressar ideias, sentimentos, intenções ou desejos, por meio de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais, corporais, entre outros.

Rego (2011) menciona que para Vygotsky a linguagem é uma ferramenta que foi construída e aperfeiçoada pela humanidade no decorrer da história e é responsável pela mediação entre o homem e o mundo. Salientamos que para o autor a mediação é acionada por meio da utilização de instrumentos e signos que propiciam pela interação social, uma transformação do meio e do sujeito. Essa mediação refere-se a uma linguagem. Para ele, tal linguagem é compreendida como um sistema simbólico essencial em todos os grupos humanos. Por meio da linguagem se tem a possibilidade de determinar objetos do mundo exterior, ações qualidades dos objetos e as relações existentes entre esses. Desse modo, a linguagem tem como função ser um elemento de mediação que possibilita a comunicação entre os indivíduos, a determinação de significados compartilhados nos grupos culturais, a percepção e a interpretação dos objetos e acontecimentos do mundo circundante.

Entre outros autores, Oliveira (2010) tem a linguagem como um sistema simbólico que é básico para o ser humano. A autora traz contribuições de Vygotsky que afirma que a criança inicialmente utiliza a fala de modo socializada, com a função de comunicação, mantendo um contato social, pois primeiramente, a função da linguagem é a comunicação social. É com o desenvolvimento que a criança passa a ter a capacidade de usar a linguagem como instrumento de pensamento. O bebê, como parte integrante de um grupo cultural, passa por um processo para adquirir a linguagem já existente no seu ambiente enquanto processo compartilhado pelos integrantes desse grupo cultural.

Jobim e Souza (2012) acrescenta que a criança tem e vive seu relacionamento com o mundo e com os outros de uma maneira altamente criativa, pois é elevada pela força do desejo. Para a autora, é por meio da linguagem que a criança edifica a simbolização da realidade em que faz parte. Ao agir ela tem a capacidade de mudar a realidade, sendo que ao mesmo tempo, ela também se modifica pela maneira de agir no mundo.

O ser humano, como a autora destaca, tem no seu desenvolvimento a cultura como sua

principal marca. A linguagem é colocada em evidência nos traços culturais, da qual, a partir do protótipo histórico-cultural, a linguagem passa a ser percebida como criadora de um relacionamento novo do homem consigo mesmo e com o mundo. Ainda, para a autora, “Se o homem fala é porque o símbolo faz o homem e, portanto, a linguagem o constitui” (p. 57). Assim, a linguagem tem a simbolização como parte integrante do processo de comunicação, e sendo o homem um ser que utiliza da linguagem para comunicar-se, o símbolo o constitui.

A autora cita Vygotsky, do qual, destaca que os primeiros balbucios que a criança reproduz, se formam como uma maneira de comunicação sem pensamento. Enfatiza, porém, que a função social da fala já é perceptível desde os primeiros meses de vida da criança, fase da qual é chamada de pré-intelectual da linguagem. Desse modo, a linguagem não sendo inata e sendo algo que se constitui por meio da cultura, Vygotsky salienta que os balbucios que a criança manifesta em seus primeiros meses de vida já é uma forma de linguagem, porém trata-se de uma linguagem não pensada.

Partindo dessas concepções de linguagem e da qual, norteia nosso estudo, daremos continuidade adentrando para o tema foco do estudo, a linguagem plástica, e assim fortalecendo nossas concepções diante do objeto/cena em análise posteriormente.

## 2.2 LINGUAGEM PLÁSTICA

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009), princípios estéticos devem ser respeitados nas propostas pedagógicas da educação infantil, no entanto, esses devem ser respeitados e garantidos em todas as etapas da escolarização do ser humano, pois são manifestações expressivas que vão evoluindo com o passar do tempo, “comunicando” ideias, sentimentos e característica próprias de cada indivíduo. Esses princípios estéticos referem-se: a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e também a liberdade de expressão nas variadas manifestações artísticas e culturais.

A linguagem plástica não está relacionada somente a desenho e pinturas em papel, a expressão “linguagem plástica”, abrange manifestações artísticas e expressivas da criança, por meio de uma linguagem não-verbal, pois movimentos, expressões, imaginações, sensações e desejos, fazem parte dessa linguagem.

Essa linguagem é um importante elemento no desenvolvimento da criança, pois a arte como uma forma de linguagem, dialoga com desafios, com a imaginação e com a criatividade. Enquanto a criança pequena desenha ela utiliza da linguagem oral para expor seu pensamento

referente ao desenho que vai realizar, isto é, ela utiliza de duas linguagens (oral e plástica) para a expressão de seu pensamento, da qual, tem importante contribuição no seu processo de aprendizagem.

Conhecida também como artes plásticas preferencialmente chamadas por alguns autores, assume um espaço de destaque entre as atividades propostas para as crianças, as quais demonstram habilidades para desenhar, pintar, esculpir, modelar, recortar, colar, entre outras unidades.

Richter (1999, p. 57) enfatiza que “Brincando com tintas, cores, pincéis, rolos, água, explora não apenas o mundo material e cultural à sua volta como também expressa e comunica sensações, sentimentos, fantasias, sonhos, idéias, através de imagens e palavras”. Trata-se de proporcionar à criança, por meio da exploração de materiais e substâncias a comunicação de sentimentos e a liberdade em criar, deixando a imaginação e a criatividade “correr solta”.

A arte da criança é repleta de contexturas, de expressões geradas por formas e contornos, de abundância de cores, de personalidade, de imaginação moldadas pelas suas vivências, características das relações com o outro e com o mundo. A expressão plástica não busca formar artistas, mas, sim com materiais de diferentes texturas possibilitar à criança uma importante contribuição no seu desenvolvimento, isto é, “[...] incentivá-los a deixar suas marcas, e não produzir obras de arte. Simples rabiscos os encantam” (MOÇO, 2010, p. 7).

De acordo com Cunha (2012), as crianças desde pequenas devem ser estimuladas a deixar fluir suas expressões, supondo que suas criações não tenham uma ordem, percebe-se que tais criatividades ultrapassam tudo o que já foi visto pelos adultos.

A mesma autora assegura que grande parte dos adultos não se lembra da abastada linguagem e dos momentos prazerosos vividos na infância, deixados para trás na transição da educação infantil para os anos iniciais, a qual da maior importância à linguagem verbal, interrompendo o desenvolvimento da linguagem plástica, substituindo as produções das crianças por formas padronizadas e estereotipadas. Nesse sentido, é preciso romper as barreiras, dar espaço ao processo expressivo e criativo da criança e promover visibilidade as suas produções, divulgar no ambiente educativo as criações do mundo individual de cada criança, pois apesar de todas as tecnologias existentes hoje, não há nada que substitua o sentido da criação artística, o brincar e o sorrir.

### **3 ENTENDENDO A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA EXPRESSÃO DA CRIANÇA NESTE CONTEXTO**

Para entendermos qual a relação da aprendizagem e desenvolvimento em nossa pesquisa, faz-se necessário entender a relação entre aprendizagem e desenvolvimento no contexto da linguagem plástica, e a sua importância no processo educativo da criança.

Existem várias teorias que explicam o processo de desenvolver e aprender da criança. Neste sentido, faremos uma breve explicação das diferentes concepções existentes e nos posicionaremos por uma teoria, da qual norteará nosso estudo.

Baseando-se em Davis e Oliveira (2010) apresentamos as teorias Inatista, Ambientalista e Interacionista, sendo que, cada uma delas defende um modo diferente do desenvolver da criança.

Na concepção inatista, segundo as autoras, acredita-se que os acontecimentos que ocorrem após o nascimento da criança não são fundamentais para o processo de desenvolvimento dessa. Para essa teoria, as capacidades e as características essenciais que cada ser humano deve conter já se encontram prontas desde o nascimento, tendo pouca ou nenhuma mudança ao longo da existência. O ambiente, a educação e o ensino, têm como finalidade interferir o mínimo possível no desenvolvimento natural do indivíduo.

Na ambientalista, Davis e Oliveira (2010) explicitam que tal teoria, atribui uma grande força ao ambiente no desenvolvimento humano. O homem é visto com um ser plástico, desenvolvendo suas características em razão das circunstâncias presentes no meio em que se está. O defensor dessa concepção na área da psicologia é o norte-americano, B. F. Skinner, do qual, defende que o papel do ambiente é mais fundamental do que a maturação biológica. Pode-se assim dizer, que os estímulos presentes em um determinado ambiente resultam em associações entre estímulos e consequência, privilegiando a experiência como forma de se apropriar do conhecimento.

Por fim, a concepção interacionista trazida por Davis e Oliveira (2010), discorda da teoria inatista, pelo fato de desconsiderar o papel do ambiente e também da concepção ambientalistas por ignorar elementos maturacionais. A teoria interacionista enfatiza que o organismo e o meio desempenham ação recíproca, ou seja, um tem influência sobre o outro, causando mudanças no sujeito. Apoiar-se no conceito de interação entre organismo e meio, tendo a obtenção do conhecimento como uma ação construída pelo sujeito durante sua vida toda, não estando pronto nem ao nascer e nem sendo obtido pela força do meio. É por meio da interação com as outras pessoas (adultos e crianças) que, desde que nasce o bebê constrói suas

características e seu conhecimento de mundo.

A teoria interacionista é defendida por Jean Piaget. Segundo as autoras, Piaget percebeu que a criança tem uma lógica de funcionamento mental, atribuindo a esta como processo cognitivo o qual promove o equilíbrio entre os processos de assimilação e acomodação, sendo estes que processam e atribuem significação nas trocas do indivíduo com os meios aos quais interage.

Percebemos que cada corrente teórica tem suas concepções bem embasadas, enraizando-se em teóricos, estudos e pesquisas. No entanto, posicionamo-nos e acreditamos na teoria da Escola histórico-cultural, defendida por Vygotsky e seus seguidores, da qual, considera a formação do sujeito humano em condicionamentos concretos de vida e introduzidos em sua cultura. Entendemos que o desenvolvimento é o modo pelo qual o sujeito compõe com as ações, nas relações que institui com o ambiente físico e social, suas características. É nesse sentido que nos apoiamos nessa teoria por tratar a criança como um ser ativo que aprende e se desenvolve por meio de mediações e interações com o outro.

Desse modo, para trazer com maior profundidade esta teoria, buscamos contribuições de Davis e Oliveira (2010) que pontuam a aprendizagem como um processo pelo qual a criança apropria-se do teor da experiência humana, apropriando-se daquilo que o grupo social em que está inserida conhece. Para a criança aprender, é preciso que ela interaja com os demais seres humanos, em especial com os adultos ou outras crianças mais experientes. Desta forma, o aprender e o desenvolver acontecem simultaneamente.

Para Vygotsky (2007) o aprendizado das crianças tem sua iniciação muito antes de irem para o ambiente educativo. As situações de aprendizado que são encaradas por elas no ambiente educativo, já possuem uma história antecipada. O aprendizado que acontece na idade pré-escolar diferencia-se evidentemente do aprendizado escolar, do qual se volta para o entendimento de fundamentos do conhecimento científico. Porém, no período em que as crianças têm suas primeiras perguntas, quando aprende os nomes dos objetos do ambiente em que está inserida, ela está aprendendo. Desse modo, aprendizado e desenvolvimento apresentam-se inter-relacionados.

Para o autor, o aprendizado deve estar de alguma forma em combinação com o nível de desenvolvimento da criança. Há pouco tempo tem-se atentado para não nos limitarmos apenas à determinação de níveis de desenvolvimento, se queremos saber as verdadeiras relações entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado. Para isso, Vygotsky determina dois níveis de desenvolvimento.

O primeiro nível, Vygotsky (2007) nomeia como nível de desenvolvimento real, sendo

o nível de desenvolvimento em que a criança estabelece resultados de ciclos de desenvolvimento já concluídos. O autor salienta que quando usamos de testes para determinar a idade mental de uma criança, na maioria das vezes é do nível de desenvolvimento real que está sendo tratado. Assim, em tais estudos, reconhece-se o que é indicativo da capacidade mental das crianças aquilo que elas são capazes de fazer por conta própria.

Nesse sentido, o autor chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) a distância entre o nível de desenvolvimento real, do qual, é aquilo que a criança consegue solucionar de forma independente e o nível de desenvolvimento potencial, que tem sua determinação por meio daquilo que a criança consegue solucionar com a orientação de um adulto ou do apoio de colegas mais experientes, sendo esse o segundo nível de desenvolvimento. Ou seja, aquilo que uma criança realiza com auxílio hoje, ela terá capacidade de executar sozinha amanhã. Dessa forma a zona de desenvolvimento proximal é definida pelas funções que ainda não foram amadurecidas, mas que estão em processo de maturação. Sendo assim, Vygotsky (2007) pontua que se determina o estado de desenvolvimento mental de uma criança após descobertos os dois níveis de desenvolvimento da mesma, isso é, o nível de desenvolvimento real e potencial.

Portanto, ainda para Vygotsky (2007) o aprendizado promove muitos processos internos de desenvolvimento, que só tem capacidade de ser realizados apenas quando a criança interage com as pessoas em seu ambiente e também quando coopera com os demais companheiros. Esses processos, uma vez internalizados, tornam-se parte das obtenções do desenvolvimento independente da criança. Para Vygotsky (2008, p. 63) “A natureza do próprio desenvolvimento se transforma, do biológico para o sócio-histórico”. Isto é, os fatores biológicos que já nascem com o ser humano, serão transformados e aprimorados a partir das mediações com o outro dentro do contexto cultural que se faz envolvido.

Para Vygotsky, do qual é citado por Rego (2011), no seu dia a dia, a criança observa, experimenta, imita e recebe orientação de outras pessoas mais experientes de sua cultura, aprende também a fazer perguntas e alcançar respostas. Como parte integrante de um grupo sociocultural, ela vive uma união de experiências e produz sobre o material que tem acesso na cultura, como conceitos, valores, ideias, etc. Desse modo, o que acontece na abordagem Vygotskyana, é uma interação dialética que ocorre, entre o ser humano e o meio social e cultural em que está incluído.

Em suma, o indivíduo tem sua constituição como tal por meio das interações sociais, a partir das trocas instituídas com seus semelhantes, pois a construção dos conhecimentos envolve uma ação partilhada. Sendo assim, a criança depende dos elementos culturais

presentes no ambiente humano para que sua aprendizagem e desenvolvimento se efetivem com êxito.

Conforme Rego (2011), Vygotsky pontua que as características que são típicas dos humanos, não se fazem presente desde que o sujeito nasce, como também, não resultam de pressões do meio externo. Elas são resultantes da interação dialética do sujeito e o seu meio sociocultural. O ser humano ao modificar o seu meio para atender suas necessidades básicas, ao mesmo tempo, modifica-se a si mesmo, ou seja, no momento em que o homem altera o ambiente por meio de seu próprio comportamento, essa alteração vai interferir em seu futuro comportamento. É a associação dos aspectos biológicos e sociais do sujeito, pois as funções psicológicas superiores ocorrem da interação dos elementos biológicos com os fatores culturais.

É nesse sentido que a autora conclui que para Vygotsky o desenvolvimento do sujeito acontece por meio das interações com o meio social que vivencia, sendo que as formas psicológicas com maiores sofisticções surgem da vida social. Desse modo, o desenvolvimento do psiquismo humano é mediado pelo outro, que mostra, limita e atribui significados à realidade. Por meio dessas mediações, os sujeitos imaturos da espécie vão aos poucos se apoderando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e também da cultura. Depois de feita a internalização, tais processos acontecem sem a intermediação de outras pessoas.

### 3.1 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA VIVÊNCIA DA EXPRESSÃO INFANTIL

Sendo o professor o principal mediador da aprendizagem, dos estímulos e do processo criativo da criança, ele deve ter a sensibilidade de perceber o processo criativo que essas possuem. O apropriar-se de conhecimentos e aprendizagens, se dá principalmente pelas experiências vividas e experimentadas. É fundamental pensar nas necessidades humanas, e a necessidade de se expressar é imprescindível. Temos a necessidade de expressarmos o que somos, o que sentimos, o que nos afeta e até mesmo o que gostamos e não gostamos. Neste contexto aparece a linguagem plástica como uma necessidade e o ambiente educativo precisa proporcionar a vivência dessa expressão para a criança, pois o acesso as linguagens possibilitam explorar e aguçar dimensões do ser humano que são desconhecidas.

É importante que o professor fique atento as novas descobertas das crianças, sem subestimar a capacidade de criação. O professor deve focar-se no processo criador e não no produto final. O papel que ele deve ter é o de valorizar e compreender a produção da criança,

sem reduzi-la ao senso comum da beleza estética. Silva (2012) contribui afirmando, que os professores devem olhar para as crianças “com olhos de crianças”, como menciona Sayão (2004) e não com o olhar do adulto.

A maioria dos professores acaba transmitindo a visão de arte que tem para as crianças, ou seja, se o professor acredita que não conseguem desenhar ou só sabe fazer desenhos estereotipados, acaba por permitir que a criança também pense desta maneira. Rego (2011) pontua que quando se é proposto às crianças a cópia de desenhos já prontos, é uma atividade que envolverá pouca significação, como também, nada desafiadora, já que, não proporcionará o processo de criação da criança, servindo apenas para inibir e estereotipar a expressão da mesma. O professor deve ter como objetivo ampliar o repertório da criança, possibilitando a troca de experiências entre as crianças. A arte é uma maneira de expressão individual da criança, enquanto desenhavam elas fantasiam sobre o desenho que fazem, interagem com variados materiais. Estimular a criança a falar, de modo a interpretar seu desenho, promove também o desenvolvimento da oralidade.

Para Rego (2011) o professor é o agente mediador da criança, no que se refere na interação entre as crianças e os objetos de conhecimento. A autora pontua que a intervenção na ZDP desses, é dever do professor dentro do ambiente educativo, pois tem maior conhecimento, informação, provocando por meio do ensino os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Uma questão que influencia na hora de planejar as práticas pedagógicas que envolvem as diferentes linguagens, dentre essas a linguagem plástica, é a dificuldade ou carência em experiências nas áreas expressivas possuídas pelos professores. O planejamento deve considerar a exposição dos variados materiais, suportes e instrumentos, mas sempre levando em conta a especificidade da criança. Quando se tratar de um primeiro contato com esses materiais que apoiarão a atividade, é importante que estes sejam apresentados inicialmente às crianças, respeitando e considerando as sensações e emoções que podem ser causadas.

A exploração de cores e da criatividade das crianças, como também proporcionar a elas, o uso de diferentes materiais – penas, pinceis, rolos, esponjas e principalmente o corpo (pés, mãos, dedos, cotovelos) – é muito significativo para elas. A organização de espaços também contribui para a expressão, o contato com a natureza, faz com que a criança perceba como realmente as coisas, os objetos e os seres são. Passear, observar ou até mesmo realizar uma aula no pátio, no parque ou no bosque, é uma maneira de mostrar para a criança que a árvore, dependendo da estação do ano, suas folhas caem, secam e mudam de cor. É desafiar a criança a dialogar com a imaginação, o real e a criatividade. Assim, para Rego (2011) o

professor precisa criar situações em que as crianças tenham a oportunidade de expressar aquilo que já sabem, estabelecendo uma relação de diálogo com as crianças, para poder ouvir e observar as manifestações dessas.

Porém, o professor deve sempre inovar, criar novas técnicas, inventar novas combinações para que as crianças inventem e descubram outras práticas, fazendo com que as crianças tenham independência fazendo suas próprias escolhas. Yolanda (2000) argumenta que a preparação do professor para propor novos fazeres é importante, mas possibilitar que atividades anteriores sejam repetidas que são da preferência da criança, também devem ser respeitadas e desenvolvidas.

O manusear das mãos também devem ser valorizadas, a criança precisa usar as mãos, o corpo, experimentando, sentindo texturas, sensações que possibilitarão a criança o expressar-se. As mãos podem fazer uso de ferramentas simples que proporcionará outros sentidos. É interessante deixar a criança vivenciar e explorar seus sentidos, fornecendo a ela os mais variados materiais e ambientes.

O professor ao propor para as crianças momentos de atividades artísticas tem que estar ciente das condições oferecidas a essa criança e as possibilidades que podem ocorrer diante de tal proposta pedagógica, um momento livre de total relação (interação) com diversos materiais em que formas, traços, texturas, cores, ritmo e harmonia podem criar formas e invenções.

Oportunizar a criança desbravar o mundo através da arte é dar oportunidade a elas de não copiar o real, mas, de sua maneira transformá-lo, dando asas para a imaginação infantil, momentos em que a expressão da criança seja livremente incentivada sob o olhar do professor.

Essas ações descritas acima, não são em hipótese alguma respeitadas na história “O menino e a árvore” de Canhos (2014), da qual a professora exige da criança uma fotocópia ou réplica, não permitindo a sua expressão, a sua vivência, o seu criar e pensar autônomo sobre a arte. A todo momento esta história veio-nos em mente em nosso estudo e por isso, traremos ela em foco novamente nas considerações finais como uma reflexão conclusiva desse estudo.

#### **4 DA ANÁLISE DA CENA A COMPREENSÃO DA EXPRESSÃO DA CRIANÇA POR MEIO DA LINGUAGEM PLÁSTICA**

Após fundamentarmos a temática foco do estudo do qual acreditamos, nos levando a muitas reflexões e novos questionamentos, passamos neste momento a analisar a cena vivenciada no estágio.

Nosso estágio de Educação Infantil foi realizado em uma turma de Maternal Integral em um CEIM da cidade de Chapecó. A turma era composta por 20 crianças, sendo 08 meninos e 12 meninas. As idades das crianças eram entre um ano e sete meses a dois anos de idade. As crianças mostraram-se carinhosas, afetivas, ativas e interessadas nas atividades que foram realizadas.

Ao propormos uma atividade com manuseio de tinta, uma criança chamou a atenção por preferir realizar a atividade com as mãos ao invés do pincel e foi repreendida pela professora titular. Essa atividade consistia em fazer um desenho usando tintas em uma folha de papel sulfite, tendo como recurso de ferramenta/apoio um pincel. No entanto, a criança ao invés de realizar a ação sobre o papel, pintou a mão com o pincel – “ação que a professora titular realizava com a turma em outras atividades que pudemos observar” – imitando a professora, e carimbando o papel. Porém, ao ser percebido tal ato pela professora titular, a criança foi imediatamente repreendida, já que nessa atividade, ela deveria pintar o papel usando o pincel. De imediato, percebemos que a criança mesmo com o pouco tempo que teve para experimentar a textura da tinta em seu corpo, gostou e sentiu prazer naquilo que realizou, transmitindo à vontade em continuar a experiência e ao mesmo tempo a tristeza em ter-lhe negado esse sentimento de prazer. Em nós ficou o sentimento de impotência e frustração, já que, não tivemos reação diante do fato, pois como a professora titular era a “autoridade” naquele momento, sentimo-nos sem o direito de intervir.

A cena descrita nos propõe uma reflexão no que se refere à ênfase dada as expressões das crianças que estão em momentos de curiosidades, descobertas, experimentações e principalmente em processo de aprendizagem e desenvolvimento, sendo fundamental o olhar atento do professor em observar e valorizar as ações evidenciadas pela criança, o qual deve buscar compreender e investigar o motivo dessa realização. O fato de ter negado à criança a realização da ação, pode gerar bloqueios futuros, que venham a refletir em seu desenvolvimento como sujeito criativo e de imaginação.

Atividades que envolvem a linguagem plástica instigam a curiosidade em experimentar, sentir prazeres e ao mesmo tempo se expressar. É falar e permitir o corpo falar. Quando as crianças entram em contato com estes materiais, elas ficam curiosas para descobrirem as variadas formas de usá-los. Nesse momento elas estão motivadas e envolvidas pelos prazeres que a atividade provoca. Cada gesto e movimento realizado ganham o encantamento da assimilação desse prazer motor, juntamente com o prazer sensorial provocado pelo contato com os materiais, temperaturas e texturas diferentes. Diversificar as características dos materiais ofertados é uma maneira de trabalhar as sensações com as

crianças.

Muitas vezes as crianças fazem o esperado, mas também são capazes de nos surpreenderem com os inusitados. Cada criança tem um jeito de se expressar, por vezes podem (re)descobrir formas de se expressarem, sendo ampliado este repertório. Cabe ao professor ser o incentivador disso, respeitando os diferentes modos de expressão de cada criança. Assim, é importante apoiar as descobertas realizadas pelas crianças e ajudá-las com o uso dos materiais.

A pintura utilizando os dedos e as mãos possibilita muitos acontecimentos às crianças, pois proporciona uma ampla movimentação e acesso a linguagem plástica, esta desenvolve e contribui oportunizando a vivência de muitas descobertas à criança. Ela se sente satisfeita, pois a mão “entra” no trabalho. Permite aprender o sujar-se e limpar-se, satisfazendo o desejo de experimentar a textura em seu corpo. A atração que atividades relacionadas à linguagem plástica – nesse caso usamos o desenho com tinta – exerce nas crianças, é tão grande que a utilização apenas do pincel não supre tamanha atração, levando a criança a experimentar com seu próprio corpo sensações, texturas, prazeres e sentimentos.

A criança utiliza dos sentidos visual e tátil para descobrir o mundo, expressando-se por meio de materiais, ferramentas e práticas. Essa por ser curiosa, usa as mais variadas partes do corpo para conhecer e reconhecer o mundo. As mãos são os membros que as crianças mais utilizam para esse conhecimento, logo outras partes – barriga, boca – começam a ser exploradas. Desejam sentir, conhecer, experimentar, além daquilo que é perceptível pelos olhos.

É preciso considerar essas características na hora de propor as atividades, oferecer diferentes materiais, instrumentos e técnicas para que as crianças explorem com o corpo e pelo corpo. Deve-se também ter um cuidado no momento de apresentar os instrumentos que são novidades as crianças, para que não assuste ou provoque medo a essas.

A linguagem plástica aliada à expressão faz com que o corpo promova uma comunicação. A mão é capaz de promover descobertas no corpo e até mesmo no outro. As crianças gostam de sentir a temperatura das misturas de substâncias, a tinta fria que escorre em seu corpo e que por vezes chega até a boca.

No entanto, como Gomes (2000) enfatiza as atividades com linguagens são vistas como brincadeiras, ou seja, não se tem um planejamento ou intenções pedagógicas por trás de tais linguagens. Essas atividades na maioria são realizadas de maneira fragmentada, pois para cada atividade há um horário. As linguagens são separadas umas das outras, não se tem a mistura da escrita com a colagem, da modelagem com pintura, e assim por diante. E desse

modo, “Ao fragmentar as linguagens, a pré-escola fragmenta a criança” (GOMES, 2000, p. 127).

Segundo Perez (2000) a aprendizagem da criança tem a professora como mediadora, sendo dever dessa, incentivar a imaginação criativa da criança. Para a autora, para que a livre expressão infantil se manifeste, é importante que exista na sala de aula um clima de liberdade e confiança, pois dessa maneira a criança se sentirá segura para criar.

Na tentativa de refletir, ousar e contrapor a cena acima relatada, nos desafiamos em nosso estágio de docência, realizar outra vivência, alicerçada no incentivo ao processo de expressão infantil. Acreditando na importância da expressão infantil desenvolvemos as ações tendo como foco a criança bem como suas manifestações, oportunizando vivenciar experiências que pouco lhe são proporcionadas e valorizadas. Desse modo, levamos atividades em que pudessem manusear tintas, gelinho de tinta, massa de modelar como outras substâncias e materiais. A atividade com tintas tinha como suporte o pincel o que não impedia de usar as mãos o que possibilitou muitas crianças essa ação, no entanto, foi em uma dessas atividades que a cena de nosso estudo ocorreu.

Diante da expressão das crianças em manifestar esse desejo, levamos o gelinho de tinta, o que causou receio no início em razão da temperatura e sensação gelada causada ao tocar. Porém, com o incentivo e a mediação, aos poucos as crianças foram se soltando e experimentando, gostando da sensação ao manusear a substância, sentindo a tinta derreter em suas mãos, “lambuzando-se” literalmente.

Como Gomes (2001) salienta, manipular livremente instrumentos é a primeira etapa da criança na inserção com os recursos disponibilizados para sua expressão. A criança tem habilidades de mexer com substâncias e experimentar, nas diferentes superfícies, lambuzando, riscando ou até mesmo, imprimindo suas marcas. Por meio da mediação de um adulto, a criança pode levar sua ação para o papel.



Imagem 1: Acervo das estagiárias



Imagem 2: Acervo das estagiárias



Imagem 3: Acervo das estagiárias



Imagem 4: Acervo das estagiárias

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, trazemos a história “O menino e a árvore” citado por Canhos (2014),

O personagem da história era um menino alegre e criativo. Ele adorava desenhar. Um dia, a professora pediu que os alunos desenhassem uma árvore. O menino, todo feliz, começou a usar sua imaginação para criar a melhor árvore do mundo, bem grande e colorida.

A professora, passando ao seu lado, disse que a árvore não poderia ser tão grande nem tão colorida. Ele diminuiu o tamanho do desenho e também as cores empregadas, mas continuou mantendo a árvore com o caule roxo e a copa avermelhada. A professora se escandalizou e disse que aquilo não era uma árvore, que ele deveria fazer o caule marrom e a copa verde. O menino insistiu que do jeito dele era mais bonito e alegre, mas ela rebateu dizendo que ele não sabia desenhar.

Muitos anos se passaram e, até hoje, quando pedem para esse menino (já adulto) desenhar uma árvore, ele a faz com o caule marrom e a copa verde. Seu talento criativo foi soterrado na infância.

Trazemos essa história, como uma reflexão do estudo realizado, sendo notório o papel do mediador no processo de construção e criação da criança, pois a criança é um ser que ao ser estimulado e incentivado desenvolve potencialidades importantes para o seu processo de aprendizagem.

Tal estudo utilizou da teoria histórico-cultural por tratar a criança como um ser ativo que aprende e se desenvolve a partir das interações e mediações sociais que são realizadas no ambiente cultural em que a criança está envolvida. Nesse sentido, o professor atua na zona de desenvolvimento proximal, atuando como agente mediador no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. O professor é um ser atuante que marca e influencia a formação do sujeito, devendo tomar cuidado para não criar bloqueios ao “podar” manifestações expressadas pelas crianças.

Entendemos que a criança deva ter o contato com as mais variadas linguagens, pois quando a criança pinta, desenha, modela, recorta e ademais maneiras de se expressar, ela está

tendo acesso a linguagem plástica, sendo estimulado seu processo criativo e de imaginação. Desse modo, acreditamos que as crianças precisam ter a liberdade para criar e produzir seus próprios conceitos para não tornarem-se reproduzidas de conceitos prontos, acabados e estereotipados, e assim, formar-se sujeitos criativos, imaginativos, brincantes, leitores, críticos, felizes e inteligentes, isto é, uma sociedade que transforma, que cria e não uma sociedade que apenas reproduz, copia ou imita.

## **ABSTRACT**

This study is a field research study with the focus visual language as an expression in the learning and development child's process, from a problem situation that occurred during Elementary School Supervised into Internship in nursery class. Then, we have as objective to analyze the visual language importance as a process speech child and their contributions in the learning and development child's process; we also have as objective to study the access importance to different languages in the learning and development children's process and to identify the teacher's role in the child's encouragement expression. Finally, we have as objective to analyze the scene experienced in the practice stage into Elementary School that showed the child's expression from the plastic language practice relating to the studied theory. This is a qualitative research, conducted through a pattern in the logic action research and literature, and we have as main authors: Gomes (2001), Rego (2011), Silva (2012) and others, as well as in the light of historical-cultural approach of Vygotsky and his followers. We found theoretically that the child's expression promoted through plastic language is a way to communicate this to the world. Language is the process that man uses to communicate their ideas and feelings. Whether through speech, writing or other signs. Inside, the plastic language is fundamental to the child's development, because it is related to the challenges, imagination and creativity. The scene that prompted this study makes us think about the emphasis that is given to children's expressions in curiosity times, discovery, experimentation, becoming visible the feeling of sadness child to be "pruned". Therefore, we reflect how the child's expression must be respected by the teacher, who must value and understand the child's production, without reducing it to the common aesthetic sense beauty with stereotypical images. Therefore, the plastic language must be experienced since the child is included in the educational process as it contributes to the learning and development process.

**Keywords:** Child. Expression. Plastic Language. Teacher.

## **Resumen**

La presente investigación se introduce en el campo de estudio sobre la temática del papel del lenguaje plástico como expresión en el proceso de aprendizaje y desarrollo de los niños, a contar de una situación problema que sucedió en la Práctica Supervisada de Educación Infantil realizada en un grupo de niños con edad entre 3 a 4 años. En ese sentido, nuestros objetivos son: analizar la importancia del lenguaje plástico como proceso de expresión infantil y sus contribuciones en el desarrollo y aprendizaje del niño; estudiar la importancia del acceso a las distintas lenguajes en el proceso de aprender y desarrollarse del niño; identificar el papel del profesor en el incentivo a la expresión del niño y, al fin, analizar la escena vivenciada en la práctica en educación infantil, la cual evidenció la expresión del niño a partir del lenguaje plástico relacionando la práctica a la teoría estudiada en clase. La investigación es cualitativa, realizada por medio de un recorte en la lógica pesquisa-acción y bibliográfica, en que destacamos como principales autores: Gomes (2001), Rego (2011), Silva (2012) y otros, bien como a la luz del abordaje histórico-cultural de Vygostsky y sus seguidores. Constatamos teóricamente que la expresión del niño hecha por medio del lenguaje plástico es una forma de este comunicarse con el mundo. El lenguaje es un proceso que el hombre utiliza para comunicar sus ideas y sentimientos, sea por el habla o por la escrita de signos. Con eso, el lenguaje plástico es fundamental para el desarrollo del niño, pues está relacionado a los desafíos, la imaginación y la creatividad. La escena que estimuló el estudio nos hizo reflexionar sobre el énfasis que es atribuido a las expresiones de los niños en los momentos de curiosidad, descubiertas, experimentaciones, presentando visiblemente el sentimiento de tristeza del niño al ser “interrompido”. Por lo tanto, reflexionamos como la expresión del niño debe ser respetada por el profesor, el cual debe valorar y comprender la producción del niño, sin reducirla al sentido común de la belleza estética con uso de imágenes estereotipadas. De este modo, el lenguaje plástico debe ser vivido desde que el niño ingresa en el proceso educativo, pues contribuye para su proceso de aprendizaje y desarrollo.

**Palabras claves:** Niño. Expresión. Lenguaje Plástico. Profesor.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Sil-Unir/resoluo-n-5-de-17-de-dezembro-de-2009-educacao-infantil>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

CANHOS, Maria Regina. **Mais sobre as palavras.** Comércio do Jahu, 6 out. 2014. Disponível em: <<http://www.comerciodojahu.com.br/post?id=1312234&titulo=Mais+sobre+as+palavras%2c+por+Maria+Regina+Canhos>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens/literatura, gramática e redação.** 2. ed. São Paulo: Atual, 2004.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. A importância das artes na infância. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (org.); Dulcimarta Lemos Lino et al. **As artes do universo infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação.** São Paulo: Cortez, 2010.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da educação infantil.** Ago. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 25 fev. 2016.

GOMES, Denise Barata. Caminhando com arte na pré-escola. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Revisitando a pré-escola.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Os materiais artísticos na educação infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis (org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

MOÇO, Anderson. As crianças têm muito o que aprender na creche: expressão e percepção visual (Eixo: exploração e linguagem plástica). **Revista Nova Escola**, São José de Campos/SP, ed. 231, abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/criancas-muito-aprender-creche-educacao-infantil-aprendizagem-brincadeiras-linguagem-546791.shtml?page=6>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. Com lápis de cor e varinha de condão... Um processo de aprendizagem da leitura e da escrita. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Revisitando a pré-escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RICHTER, Sandra. Manchando e narrando: o prazer visual de jogar com cores. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). **Cor, som e movimento**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto AlegreRS: L&PM, 2011.

SILVA, Maurício Roberto da. Exercícios de ser criança: o corpo em movimento na educação infantil. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da (org.). **Corpo – Infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

STABILE, Rosa Maria. **A expressão artística na pré-escola**. São Paulo: FTD, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

YOLANDA, Regina. Artes visuais na escola. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.